

Jornalismo LGBTQIA+ em podcast: um estudo de caso do programa Toda Gente.

Gabriel Coca Matias ¹

RESUMO

O presente artigo aborda o momento contemporâneo do jornalismo LGBTQIA+ e como este se expressa nas produções em podcast, a partir de um estudo de caso do programa Toda Gente. Produzido pelo jornalista do Grupo Bandeirantes Juliano Dip, o podcast se propõe a semanalmente discutir pautas relacionadas à diversidade e vivências LGBTQIA+. Por meio de análise temática e entrevista semiestruturada com o jornalista responsável, são identificados quais temas são discutidos e como são abordados, assim como as características de linguagem que demarcam este produto jornalístico. O texto apresenta um breve panorama histórico da chamada “imprensa gay”, utilizando-se como arcabouço teórico a Teoria Queer. Por fim, verificou-se que o podcast Toda gente busca pela diversidade das fontes e dá ênfase a temas políticos, contribuindo para um entendimento de como atualmente estas vivências são multifacetadas. Além disso, a forma como o programa se estrutura e sua linguagem nos permitem repensar os arranjos do que ficou conhecido como imprensa gay.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo LGBTQIA+ ; imprensa gay; LGBTQIA+; podcast; Toda Gente..

Introdução

A presença de pessoas LGBTQIA+ no jornalismo brasileiro não é nenhuma novidade. Desde o início dos anos 1960, mais precisamente 1963, já se tem registro no Brasil de iniciativas na imprensa feitas por pessoas desta comunidade, naquele momento especificamente por homens gays (GREEN, 2022; PERET, 2011). Nos dias de hoje, estas produções se espalharam para além do formato impresso, marcando sua presença nos meios digitais, como em canais de YouTube (Busch, 2019 apud BOENI, 2020) e também em podcasts. Este tipo de mídia sonora será o foco deste artigo, que tem como questão central entender quais temas relacionados às vivências da comunidade são tratados por podcasts LGBTQIA+ e quais tipos de abordagem são utilizadas.

Para entender como podcasts podem então pautar esses temas, decidimos basear esta pesquisa em um estudo de caso de uma produção em formato de podcast, e o produto escolhido foi o programa “Toda Gente”, criado pelo jornalista Juliano Dip em junho de 2022 em parceria com o Grupo Bandeirantes de Comunicação e que por meio de entrevistas aborda semanalmente questões relacionadas à diversidade e temas relacionados a vivências LGBTQIA+.

¹ Estudante de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero e estudante de Sociologia e Política na Sociologia e Política: Escola de Humanidades (FESPSP) e-mail: gcmatias@al.casperlibero.edu.br

Tendo em vista que esta pesquisa insere a análise do podcast selecionado dentro de um percurso histórico, o da imprensa gay, e busca entender como pessoas LGBTQIA+ tratam de si mesmo e de questões de seu interesse, no que Jeronimo (2020, p.10) classifica como “ação midiática LGBTQI+”, isto fez com que buscássemos um tipo específico de produção. O podcast “Toda Gente” se encaixa com os critérios aqui descritos. Podemos afirmar isso primeiramente porque a produção ao longo de seus episódios traz o ponto de vista de pessoas LGBTQIA+, já que tanto o seu apresentador e muitos dos convidados fazem parte da sigla. Além disso, o podcast tem características que fazem com que ele possa ser classificado como jornalístico, por seguir elementos próprios do radiojornalismo e também se inserir em gêneros desta modalidade jornalística, como o gênero informativo por meio da entrevista mas também com elementos do gênero opinativo (BUFARAH, 2020).

Posto o objeto de nossa pesquisa, cabe aqui detalhar como o estudo de caso se estruturou. Tendo como objetivos de pesquisa entender quais os temas tratados, as abordagens utilizadas pelo jornalista e qual o tipo de linguagem que é utilizada ao longo dos episódios, optamos por uma análise temática de três episódios do podcast e o uso de uma entrevista semi-estruturada. A análise temática se organizou por meio de categorias escolhidas que refletissem nosso objetivo. . Para além disso, optamos pelo uso de uma entrevista semiestruturada, a qual nos permitiu abordar questões que não conseguiríamos ter acesso somente com a audição e análise dos episódios, como as relacionadas ao contexto que levou a produção do programa e também às escolhas pessoais do jornalista na hora de formular seu podcast.

Para que se entenda a importância do fenômeno dos podcasts dentro das tendências do mercado e dos meios de comunicação, apresentamos alguns dados sobre o ouvinte de podcasts. Foi possível constatar que tanto em termos de produtores quanto de ouvintes a maioria é heterossexual, mas há também considerável comunidade LGBTQIA+ entre estes grupos (ASSOCIAÇÃO Brasileira de Podcasters, 2019; 2021). Com relação aos dados de hábitos de consumo, podemos observar que há nos últimos anos um fortalecimento do mercado de podcasts no Brasil e que este é um fenômeno ainda muito recente: 70% dos produtores começaram a trabalhar com podcasts a partir do ano de 2018 (ASSOCIAÇÃO Brasileira de Podcasters, 2021).

A partir de um breve levantamento de pesquisas no campo da comunicação que abordaram as temáticas “jornalismo” e “LGBT”, assim como “LGBT” e “podcast” produzidas nos últimos sete anos (de 2015 a 2022) foi possível encontrar 15 publicações que se debruçam sobre estes temas. O que observamos foi que nos últimos anos houve um aparente interesse em pesquisas relacionadas à população LGBTQIA+ e o jornalismo digital, com sete pesquisas buscando abordar temas relacionados à essa comunidade em meios digitais, mas há ainda pouco material sobre podcasts que abordam pautas e temas ligados à comunidade

LGBTQIA+ , com destaque para o trabalho de Ramon Boeni (2020) sobre o podcast “Poc de Cultura” e o artigo de Gonzatti e Kolinski Machado (2020) sobre “Um Milkshake Chamado Wanda. Este breve levantamento nos demonstra a necessidade de se desenvolver mais pesquisas sobre as iniciativas em podcast, e é neste esforço que este artigo busca se enquadrar.

Da imprensa gay ao jornalismo LGBTQ+ em podcast - um percurso teórico

Para que nesta pesquisa possamos compreender e desenvolver o estudo de caso, é necessário entender num primeiro momento a discussão teórica que se tem acerca do tema do jornalismo LGBTQIA+ e seu histórico. Além de tudo, se faz necessário apresentar aqui o referencial teórico da Teoria Queer para se interpretar os fenômenos recentes relacionados a forma como se articulam as identidades da comunidade LGBTQIA+.

Vemos a teoria queer como relevante como referencial neste trabalho no sentido de que ela nos permite entender uma variedade de práticas e identidades em termos de sexualidade e gênero que não se identificam nem como hétero (*straight*) nem como ‘gay’ ou ‘lésbica’ (SOMERVILLE,2020). O Potencial de um olhar queer nos permite compreender também entrelaçamentos, sobreposições, ou dissonâncias , de modo que não há definições monolíticas (SEDGWICK, 1993 *apud* SOMERVILLE, 2020). Portanto, quando pensamos em formas contemporâneas de jornalismo LGBTQIA+ e as temáticas abordadas no podcast a ser analisado neste trabalho, é preciso ter um olhar que possa compreender e incluir esta variedade de comportamentos e identidades.

Neste percurso de se estabelecer um breve percurso histórico, é necessário apresentar o primeiro conceito essencial para esta pesquisa, o de imprensa gay. Podemos localizar o surgimento deste setor da imprensa no Brasil na década de 1960, tendo se desenvolvido em diferentes formatos impressos durante esta segunda metade do século XX até mais recentemente, por meio da internet, e que ainda pode ser visto como um setor em construção (PÉRET,2011). O termo ‘imprensa gay’ num primeiro momento pode parecer não muito claro, no sentido de que não sabemos se se refere a um tipo de jornalismo que tem o público gay como meros consumidores ou se há também uma necessidade de aqueles por trás do veículo se identificarem como homossexuais. Para melhor entender o significado deste conceito portanto, é de grande utilidade a forma como Silva Júnior (2022, p.86) define a imprensa gay: “aquela feita para e/ou por gays com o intuito de reivindicar seus direitos, ou fazer circular na esfera pública e dentre os próprios gays notícias e informações de seu interesse”. (FERREIRA, 2022,p.86)

Portanto, partiremos aqui da ideia de um jornalismo que pode tanto ter gays como produtores quanto como público-alvo, e que estas iniciativas buscam servir como uma plataforma de luta por direitos e acesso

à informação. Ter isso em mente se faz útil para entender como o podcast ‘Toda Gente’, que aqui será analisado, pode ser visto pelas lentes do conceito de imprensa gay. No entanto, o conceito de imprensa gay talvez precise ser atualizado para ‘imprensa LGBTQIA+’ ou ‘jornalismo LGBTQIA+’, no sentido de que as produções nos dias de hoje não necessariamente focam num grupo específico dentro da comunidade. Ter um olhar para representações LGBTQIA+ e não somente gay é um movimento que insere esta pesquisa dentro de um fenômeno recente dos estudos da comunicação, de se afastar de um olhar restrito para as representações masculinas e apresentar uma discussão baseada em uma pluralidade de identidades. (JERONIMO, 2020)

Os primeiros experimentos que levaram à formação da categoria de uma imprensa gay no Brasil se iniciaram nos anos 60, mais precisamente em 1963, quando, em protesto ao resultado do concurso Miss Traje Típico, Agildo Guimarães decidiu criar um pequeno jornal para criticar a decisão do júri (Péret, 2011). Assim surgiu O Snob, cuja produção jornalística consistia de fofocas do meio homossexual no Rio de Janeiro, entrevistas com travestis famosas da época assim como espaço para a publicação de contos (Green, 2022). Por mais que fosse um jornal caseiro tanto em termos de produção (mimeografado) e de distribuição, O Snob tem uma importância no percurso da imprensa gay brasileira pois, como aponta Green (2022), inspirou a criação de mais de 30 periódicos similares na segunda metade da década de 1960. Além disso, vemos nessa iniciativa elementos que se dão presente em outros veículos que estão presente na trajetória da imprensa gay, dos quais podemos destacar uma linguagem irreverente e que utiliza de um vocabulário comum da subcultura homossexual, assim como a presença de uma forma específica de humor, a qual é denominada por Green (2022, p. 314) como *humor camp*.

A importância que o periódico tem não se dá somente no seu caráter pioneiro ou nos temas e linguagem que introduziu, mas também na forma como este se insere no debate da época sobre o que significava ser homossexual e qual posição essa população ocupava na sociedade brasileira dos anos 60. O anonimato era uma das características das publicações homossexuais da época. Péret (2011) aponta alguns dos nomes que foram adotados pelos jornalistas de *O Snob*, tais como: Gilka Dantas (Agildo Guimarães) e Pantera Cor de Rosa (Hélio Gato Preto). A partir desses pseudônimos, já podemos observar uma certa posição adotada pelos homossexuais dos anos 1960, que está baseado num modelo calcado no oposto entre a bicha e o bofe (também denominado de “homem *verdadeiro*”), como explicou James Green a partir do que foi publicado nas páginas de *O Snob* e do estudo de José Fábio Barbosa da Silva, quem, em 1960 foi o primeiro a ter um olhar sobre os homossexuais brasileiros como membros de uma subcultura distinta e não por meio de uma perspectiva patologizante (GREEN, 2022, p.287).

A pesquisa de Barbosa aponta que homossexuais paulistanos de classe média adotavam um comportamento mais discreto, para não arriscarem perder seus empregos e status social, adotando um comportamento que se associava ao que era então chamado de homem ‘verdadeiro’. O simples fato de assumir-se homossexual na época era considerado sinônimo de ser uma pessoa feminilizada, uma ‘bicha’ ou uma ‘boneca’ (GREEN,2022). Green afirma que esta visão dos anos 60 de como se davam os relacionamentos homossexuais era baseada em uma divisão tradicional dos papéis de gênero masculino e feminino, em que as ‘bichas’ só podiam se relacionar com os ‘bofes’ ou os ‘homens verdadeiros’.

Se nos anos 1960 havia esta concepção baseada numa representação para as relações homossexuais dos papéis tradicionais de gênero, a partir dos anos 1970, como apontam os estudos de MacRae (1990 apud Green,2022), começa a se construir a identidade do “entendido”, o qual rejeitava a dicotomia entre bichas e homens verdadeiros e que observava uma identidade comum entre os homossexuais, o que se assemelha às estratégias que estavam sendo tomadas dentro do movimento gay em países como os Estados Unidos, o que podemos observar a partir da discussão que Seidman (1997) faz sobre um conceito ‘étnico’ de homossexualidade, a qual se baseava na noção de que a sexualidade e o desejo homoerótico estavam como o centro de suas experiências pessoais. Para o autor, este tipo de identidade teve sua importância no contexto político dos anos 1970, no sentido de que possibilitou a criação de espaços seguros e uma forte identidade compartilhada, elemento essencial para a construção de uma comunidade. No entanto, como Seidman aponta, a forma como essa identidade se desenvolveu foi baseada em uma formulação sobre a experiência homossexual que era principalmente a de homens gays brancos e de classe média, atuando como uma forma de controle social, tendo em vista uma concepção do que é ser gay. Esta discussão que o autor traz sobre os limites de uma noção estrita ou essencialista da experiência da homossexualidade estabelece um diálogo com o que Gayle Rubin (1984/2017, p. 86) nomeou de “hierarquia do sexo”, a partir da oposição de um “círculo mágico” e de “limites externos”. O que a autora pontua é que talvez seja essencial a crítica a um modelo que centra a identidade homossexual em expectativas sobre quais tipos de comportamento devem ser adotados.

Os reflexos dessas mudanças se colocam presentes na própria produção da imprensa gay do final dos anos 1970, especificamente no jornal *Lampião da Esquina*, o qual é um marco desta imprensa no Brasil pois foi o primeiro a ter circulação nacional, com cerca de 10 a 15 mil exemplares em edições mensais e impresso profissionalmente, enquanto as outras produções anteriores ainda apresentavam um caráter amador, já que eram mimeografadas (QUINALHA,2020). Além disso, O jornal teve um papel importante ao longo dos três anos em que foi editado no sentido de que mobilizou uma série de questões essenciais sobre os direitos homossexuais e trouxe para o público discussões que antes eram ignoradas pela grande mídia (PÉRET,2011).

O contato que João Silvério Trevisan, um dos fundadores do veículo, teve com o movimento de liberação gay nos Estados Unidos fez com que ele imprimisse no *Lampião* uma posição política que não se aproximava tanto desta construção étnica colocada por Seidman, o que vemos na forma como o jornal se apresentava como um local para muitas lutas para além da dos gays, tentando abordar temas como o movimento negro, com entrevistas de personalidades como Clóvis Moura e Leci Brandão (QUINALHA,2020). No entanto, os textos acabavam limitando-se a tratar na maioria das vezes sobre o público gay e pouco faziam para concretizar uma solidariedade com outras lutas (GREEN,2022). Além disso, por mais que no *Lampião* buscasse aliar lutas, havia nele uma ideia de inserção dos homossexuais na sociedade, como colocava o movimento gay norte-americano, o que desagradava membros do conselho editorial, como o cineasta Jean Claude Bernadet, que via a homossexualidade como uma forma de subversão (PÉRET,2011). O contato de Trevisan com o movimento americano em São Francisco fez com que ele criasse grupos de conscientização, a partir dos quais ele começou a perceber uma tensão dentro do embrionário movimento brasileiro, entre aqueles que compartilhavam da ideia de uma luta que envolvesse diversas causas e outra que focasse somente na questão da homossexualidade, acreditando que uma vez resolvido o problema do preconceito contra os gays, os outros problemas também seriam resolvidos, algo que assemelha este tipo de movimento caracterizado e criticado por Seidman.

Entre o fim de *O Snob* e o surgimento do *Lampião* há um intervalo de quase uma década, a qual foi, como aponta Green, o período mais rígido da ditadura militar, a partir do AI-5. O próprio fechamento do *Snob* se deu devido ao clima de insegurança e como uma forma dos editores se preservarem de alguma forma de perseguição (GREEN,2022). Já em 1978, o regime militar estava passando pelo processo de uma reabertura “lenta, gradual e segura”, o que acabou sendo como um momento oportuno para o surgimento do *Lampião da Esquina* (QUINALHA,2020). Além disso, no final dos anos 1970, começaram a ser dados os primeiros passos de um movimento homossexual brasileiro, o que fez com que o jornal passasse a adotar uma posição quase de porta-voz desse movimento que estava florescendo, algo que reflete um fenômeno comum de outras publicações da imprensa alternativa, no sentido de ter um papel importante na dimensão política de rearticular movimentos, partidos e militantes, como aponta Kucinski (2003).

A década de 1980 foi um momento de retração do movimento LGBTQIA+ no Brasil e do desenvolvimento de uma imprensa gay. Em 1980, uma edição do *Lampião* apresentava uma lista de 22 grupos de gays e Lésbicas no Brasil e cinco anos depois, em 1985, somente 4 grupos continuavam em atividade (GREEN, 2022). A epidemia do HIV/AIDS acabou contribuindo para um enfraquecimento do movimento e das iniciativas de uma imprensa gay. Houve por parte da grande imprensa brasileira uma inépcia para lidar com o tema e trazer informação, o que acabou contribuindo com um estado de medo, assim

como posições até agressivas de veículos com os homossexuais, sugerindo por exemplo que o extermínio de homossexuais seria a solução para a crise ou o uso de termos como “câncer gay” e “peste gay” (PÉRET, 2011). Neste período, as produções do movimento homossexual acabavam concentrando esforços na produção de boletins informativos, mas não houve nenhuma publicação mais significativa, com exceção do jornal lésbico *Chana com Chana* (ibid.)

Se os anos 1980 representam uma lacuna na produção da imprensa gay, a década de 90 foi um momento importante, com o surgimento de novos veículos, o desenvolvimento de iniciativas online e a presença de espaços para o público LGBTQIA+ dentro da grande imprensa. Dentro dos veículos que surgem nos anos 1990, dois se destacam: a revista *Sui Generis* e a *G Magazine*. A primeira foi produzida por uma editora carioca a partir de 1995, com reportagens sobre vida noturna e cultura, pautada pelo olhar do consumo (GREEN,2022). Uma das novidades da publicação foi que havia uma intenção também de atrair um público de leitores heterossexuais (PÉRET,2011). A marca desta mudança no público alvo dentro da imprensa gay é uma questão que precisa ser levada em consideração no momento em que analisarmos o podcast objeto desta pesquisa.

A passagem dos anos 1980 para os anos 1990 também é importante no sentido de que possibilitou a construção de um pensamento queer, tanto em termos de teoria quanto de posicionamento político (SOMMERVILE,2020). Há um processo que ressignifica o termo ‘Queer’, antes colocado como estranho ou ridículo, e que passa a ser um sinal de posicionamento contra a normalização e todo tipo de normatividade, numa posição política que passa a rejeitar como objetivo a assimilação da diferença (LOPES LOURO, 2001). Há de se considerar que esta mudança de paradigma dentro do movimento homossexual/LGBTQ se dá justamente no contexto da HIV/AIDS, em que a necessidade de lutar contra a epidemia levou à criação de redes de solidariedade que não estavam restritas na comunidade homossexual, e houve um deslocamento da noção de identidade para a de práticas, como a terminologia ‘homens que fazem sexo com outros homens’ (LOPES LOURO, 2001). Neste contexto de crise da política de identidade homossexual, começa a se pensar em formulações pós identitárias (ibid.). Num momento de grande impacto da HIV/AIDS, o uso do termo ‘queer’ sinalizava um posicionamento político de solidariedade e confrontou um sistema de opressão que silenciava a uma comunidade (SOMMERVILE,2020).

Em 1997, chega às bancas a revista *G Magazine*, a qual esteve disponível no mercado por um período relativamente longo, durante boa parte da primeira década de 2000. A revista ficou conhecida pelos nus masculinos de personalidades, servindo como ‘abre-alas’ para os textos da publicação (FADIGAS, *apud* PÉRET, 2011, p.89). A revista buscava trazer colunistas respeitados dentro do movimento e intelectuais

gays (GREEN,2022) mas acabou encerrando suas atividades após entrar em decadência, se tornando uma publicação o quase que exclusivamente erótica (PÉRET,2011).

Além dessas revistas, Péret aponta nos anos 90 o surgimento das primeiras iniciativas online, que além de servirem para a divulgação de informações eram espaços de socialização, por meio de bate papos online. Outro fenômeno dos anos 90 que é importante levar em consideração que os grandes veículos começaram a participar desse crescimento da presença gay na mídia, como caso da *Folha de S. Paulo*, que lançou uma coluna semanal sobre eventos relacionados ao público gay em sua revista de entretenimento (GREEN,2022). O que estes veículos dos anos 90 nos mostram é que há uma mudança na forma como se vê o público LGBTQIA+, a partir da ótica do consumo, o que estava representado na sigla GLS (Gays, lésbicas e simpatizantes) e que caiu em desuso justamente por ter este caráter mercadológico (JERONIMO, 2020). O olhar como público consumidor e a entrada de grandes veículos no mercado da imprensa gay fazem com que se tenha uma outra abordagem por meio dos jornais, possivelmente se afastando de uma posição mais politizada e também o uso de formatos, técnicas e uma linguagem mais tradicional.

Vemos neste percurso histórico da imprensa gay como as iniciativas jornalísticas passaram por mudanças, tanto em termos de como os projetos se posicionavam editorialmente, de pequenos jornais de fofoca para publicações engajadas e que se situaram no campo da imprensa alternativa até o surgimento de revistas comerciais e que tentaram entrar no mercado mainstream, assim como iniciativas que partiram da própria grande imprensa. O que este percurso nos mostra é que quando pensamos em formas de jornalismo LGBTQIA+ atuais, elas podem ser muito diferentes daquilo que se convencionou nos anos 1960 e 1970, como é o caso do podcast aqui selecionado.

“Toda Gente” – Apresentando o podcast

O podcast “Toda Gente” é uma iniciativa do jornalista Juliano Dip em parceria com o Grupo Bandeirantes, produzido em formato de entrevistas e que vai ao ar todas as semanas nas plataformas de streaming e no Youtube da Band. O programa entrou no ar no dia 28 de junho de 2022, dia internacional do Orgulho LGBTQIA+, e já conta com 21 episódios publicados (até o dia 1 de dezembro de 2022), com duração aproximada de 30 a 40 minutos cada. Para realizar a análise do programa, selecionamos três episódios que tratassem de temáticas próximas ao que esta pesquisa busca investigar. Os programas escolhidos foram os seguintes: episódio 01 – “Orgulho LGBTQIA+”, episódio 05 – “Jornalismo LGBTQIA+” e episódio 12 – “Formulário Rogéria”.

A seleção destes episódios, para além da conveniência temática, se deu também porque queríamos ter um intervalo espaçado de tempo da produção do programa. Também cabe destacar que cada episódio tem sua relevância para ser escolhido. Analisar o primeiro episódio é útil pois permite ter um entendimento do projeto editorial do podcast. Já o episódio 05 se insere na discussão específica deste artigo, que são as iniciativas de jornalismo LGBTQIA+. Por fim, o episódio sobre o formulário Rogéria é importante pois aborda um tema comum na cobertura sobre população LGBTQIA+, que é o da violência.

A criação do podcast, como contou o jornalista Juliano Dip em entrevista para esta pesquisa, se deu a partir de um convite do próprio Grupo Bandeirantes, que tem desenvolvido projetos para os meios digitais. O desenvolvimento deste programa também se encontra com os caminhos que o jornalista percorreu em sua jornada profissional. Em um momento da entrevista semiestruturada, ele relembra² que já participou de um programa que tratava de assuntos de interesse da população LGBTQIA+ (“CBN Mix Brasil”) mas que na época não se sentia confortável para falar abertamente sobre sua sexualidade, e que acredita que só se sentiu livre para tal no momento que sua carreira estava mais consolidada. Para Dip, o podcast “Toda Gente” reflete um processo de amadurecimento seu enquanto jornalista.

O depoimento do jornalista já nos demonstra certos obstáculos que jornalistas LGBTQIA+ enfrentam dentro do próprio jornalismo, algo que é inclusive abordado em um dos episódios do podcast. No entanto, a possibilidade de poder trazer a discussão para a primeira pessoa e falar de si mesmo já demonstra maior abertura, especialmente se compararmos com o fato de que jornalistas no início da imprensa gay tinham que utilizar pseudônimos para não serem reconhecidos (PÉRET,2011).

Análise dos episódios: as categorias de análise

Para o estudo de caso do podcast Toda Gente, desenvolvemos um processo de análise com base em diferentes categorias que englobam aspectos ligados aos temas dos episódios, às abordagens por parte do jornalismo e à linguagem utilizada. As categorias que escolhemos para conduzir este processo foram: formato, fontes consultadas, posicionamento e abordagem, temas e pautas abordadas e repertório de linguagem

Formato do programa

Todos os episódios do podcast seguem a mesma estrutura e formato. Com duração aproximada de cerca de 30 minutos, o programa se inicia com a narração por parte do apresentador de um texto que introduz

² O jornalista Juliano Dip foi entrevistado presencialmente no dia 21 de novembro de 2022.

o tema central de cada episódio e apresenta uma pequena biografia dos entrevistados. Após este momento, se inicia a entrevista com os convidados de cada semana, a partir de perguntas elaboradas pelo próprio jornalista. A entrevista nestes três episódios se dá de forma fluida, porém não necessariamente de modo informal ou que a assemelhe com um programa de bate-papo.

A escolha pelo formato de entrevista, como afirmou o jornalista Juliano Dip, se deu a partir de uma negociação com a Band, pois o desejo inicial era de se fazer no formato de reportagem: *“Eu acho que o que eu gostaria mesmo era ter uma equipe e ter tempo para fazer um podcast de grandes reportagens, para investigar, para ir e gastar mais tempo, fazer em temas...”*

No entanto, o formato de entrevista acabou sendo utilizado pois permitiu que o podcast fosse gravado com uma maior periodicidade, sendo disponibilizado semanalmente nas plataformas digitais.

Fontes e posicionamento do jornalista

Um aspecto que chamou a atenção num primeiro momento de análise dos episódios foi a diversidade de fontes que foram utilizadas nos programas. Nos três episódios que escolhemos, foi possível constatar que os entrevistados representavam diversos grupos da comunidade LGBTQIA+, com a presença de convidados abertamente gays, uma mulher trans e intersexo e ativistas representantes do movimento LGBTQIA+, como o diretor presidente do movimento Advogados pela Diversidade Sexual e de Gênero e a Presidente da Associação Brasileira de Mulheres Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Intersexo. A variedade de fontes nos chama a atenção pois marca já uma diferença deste produto jornalístico com publicações da imprensa gay, como vimos com o Lampião e sua dificuldade em retratar para além da luta dos homossexuais masculinos (GREEN,2022). Essa preocupação em oferecer variedade de fontes agrega um potencial para o podcast, pois permite que o público conheça pontos de vista e perspectivas para além daqueles do apresentador do programa, assim como permitir uma troca entre pessoas que fazem parte de uma comunidade, como apontou Boeni (2020, p.57) em seu estudo sobre o podcast “Poc de Cultura”. Esta foi uma preocupação de Dip no momento de criação do seu podcast, no sentido de que ele não queria se colocar como a voz de uma comunidade que é diversa. Conforme o jornalista comenta na entrevista, *“é muito confortável eu me sentir alguém da comunidade LGBT, como de fato sou porque eu sou gay, mas eu não sou a voz da comunidade, né? Eu nem represento alguém que liga a televisão e nunca me viu começa a me assistir não se sente representado, não sabe que tem uma bicha ali falando”*.

Vemos portanto que a abordagem das entrevistas por meio de um esforço ativo para diversificar os tipos de fontes consultadas no podcast potencializa o seu objetivo de abraçar a diversidade, assim como se

relaciona com o que vimos na teoria queer sobre um pensamento que busca questionar aquilo que é normatizado e entender que as identidades não são monolíticas.

Em termos de abordagem do jornalista e de seu posicionamento, vemos que ao longo dos episódios ele demonstra um tom de certa forma educativo e que não parte do pressuposto de que todos os ouvintes compartilham de uma mesma bagagem de referências que às vezes podem ser comum dentro da comunidade LGBTQIA+. No primeiro episódio do podcast, Juliano Dip aborda sobre as origens do movimento e reconta a história do levante de Stonewall, afirmando que o orgulho não tem origem em festa mas sim em um momento de violência e luta. Esta pequena passagem ilustra como o jornalista se preocupou em fazer um produto que buscasse alcançar um público para além de um nicho LGBTQIA+, assim como não deixou de lado o caráter político da luta da comunidade LGBTQIA+ e esta preocupação em tratar sobre como ser uma pessoa desta comunidade esta diretamente associado com os rumos da política é algo que está presente nos três episódios do programa que analisamos.

Temas e pautas abordadas

Por mais que cada episódio do podcast tem um tema central que busca guiar a discussão do jornalista com seus entrevistados, vemos que as discussões se desdobram para outros tópicos além daquele que é selecionado como principal. Os temas que vimos como comuns nos três episódios foram: violência contra pessoas LGBTQIA+ e as questões relacionadas à política institucional, com um destaque para as eleições de 2022 e para a presença de pessoas da comunidade em cargos legislativos.

Com relação ao primeiro tema, vemos a discussão sobre violência contra população LGBTQIA+. A presença deste tema se dá em todos episódios, mas principalmente no episódio “Formulário Rogéria”. A forma como este assunto se apresenta de maneira recorrente nas conversas do jornalista com seus entrevistados nos indica como a violência ainda se faz presente nas vivências de pessoas LGBTQIA+, inclusive dos convidados do programa. No episódio que contou com a presença do jornalista João Ker, ele contou que quando era adolescente passou a andar com fones de ouvido como uma forma de se proteger de provocações homofóbicas. Abordar a violência neste caso também passa por entender os mecanismos que ajudam a combatê-la, como no caso do episódio do formulário Rogéria (formulário destinado a juntar dados sobre casos de violência LGBTfóbica), em que os dois advogados convidados puderam apresentar como a criminalização da homofobia permitiu que se levantassem dados da violência e se possa pensar em políticas públicas. A falta de dados inclusive parece ser uma das faces da violência, perpetuando situações de invisibilidade da população LGBTQIA+.

É curioso que em muitos dos episódios se critica a forma como a imprensa tradicional acaba reduzindo a população LGBTQIA+ aos casos de violência que ela sofre. De certa forma, o podcast tenta evitar este tipo de olhar sobre a violência ao tratar de iniciativas para combatê-las e orienta o ouvinte sobre como agir quando essas situações ocorrem, como no final do episódio sobre o formulário Rogéria em que os convidados passam uma série de medidas que uma pessoa pode buscar quando é vítima de violência. No episódio 01 há um momento em que a convidada Carolina Iara, ao se referir à violência lgbtfóbica, afirma que é “difícil não ter algum distúrbio emocional, mas ser feliz é possível (...) desde que a gente se acostume a lutar o tempo todo” (TODA GENTE, 2022). Esta frase da convidada resume de certa forma o olhar que se tem no programa sobre a violência, de maneira a mitigá-la e a evitar que a vivência LGBTQIA+ se defina por ela.

Considerando este olhar sobre a violência, podemos então abordar um dos temas mais presentes no podcast, que são as discussões relacionadas a política institucional, como: representatividade LGBTQIA+ no congresso, legislação e decisões judiciais que beneficiam à comunidade, perseguição e violência política e o processo eleitoral de 2022. Ao longo dos episódios, o jornalista e seus convidados expressam em certos momentos críticas à forma como as pautas de interesse da população são deixadas de lado pelos candidatos, seja em nome de alianças políticas ou para não perder votos de um eleitorado mais conservador. De certa forma a ênfase nesta discussão se justifica pelo fato de que todos os episódios que nós analisamos foram gravados durante o período da campanha eleitoral de 2022, um momento em que as discussões relacionadas a propostas e planos de governo eram constantes. Há momentos inclusive em que se discutem assuntos específicos das eleições, como o fato de que no debate presidencial realizado pelo Grupo Bandeirantes³, nenhum dos candidatos mencionou propostas para a população LGBTQIA+.

A presença desse tema nas discussões do programa, a partir de um olhar focado na política institucional, também se vê na maneira como abordam a participação de pessoas LGBTQIA+ em cargos legislativos, tanto em termos da importância de ocupar estes espaços e nos perigos que estas pessoas eleitas enfrentam, como ameaças. A importância dessa pauta também é visível no fato de que duas convidadas do podcast estão ligadas a mandatos legislativos de pessoas LGBTQIA+: Carolina Iara, convidada do episódio 01, é parte de um mandato coletivo de vereadoras na cidade de São Paulo, e Luanda Pires, convidada do episódio 12, é funcionária no gabinete da deputada estadual Érica Malunguinho (PSOL-SP), primeira deputada trans eleita no estado de São Paulo, em 2018. A importância dada ao tema é reflexo de mudanças

³ O debate presidencial do Grupo Bandeirantes mencionado ocorreu no dia 28 de agosto de 2022 e contou com a presença dos candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL), Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (MDB), Soraya Thronicke (União Brasil) e Felipe D'Ávila. (BAND,2022).

recentes, com o crescimento dessa população no legislativo, como nas eleições municipais de 2020, em que 97 pessoas LGBTQIA+ foram eleitas para câmaras municipais de todo o Brasil (#VOTELGBT+,2022).

Linguagem

Ao longo dos três episódios que selecionamos, foi possível notar que o podcaster utilizou de uma linguagem que se assemelha muito ao que tradicionalmente se tem no radiojornalismo e nos veículos tradicionais. Num primeiro contato com o programa, este tipo de linguagem utilizado nos gerou dúvidas, já que é muito diferente do estilo de linguagem baseado na subversão e no humor camp (GREEN,2022), que marcou a imprensa gay. De certa forma, no entanto, o estilo reflete algumas iniciativas da grande imprensa que ocorreram principalmente a partir dos anos 90, com publicações direcionadas ao então público GLS (PÉRET,2011). Portanto, vemos no podcast Toda Gente uma configuração nova, de um programa que se estrutura de maneira independente editorialmente mas que segue o a linguagem tradicional da grande imprensa.

Dib explicou na entrevista que a experiência ao longo de sua carreira em veículos tradicionais da imprensa brasileira acabou influenciado: “e assim que eu falo de saúde, e assim que eu falo de futebol, é assim que eu falo de política. É o meu jeito de falar”. Ele pontua que mais importante que a linguagem é a forma como ele trata os assuntos de maneira pessoal e transparente, desmistificando certos tabus. *“Mais importante do que eu fazer uma reportagem no jornal da Band falando sobre a prep, é eu falar que eu tomo a prep ou ficar falando que você pode confiar que uma pessoa que tem HIV e é indetectável não transmite HIV, eu acho super importante eu falar que eu fiz sexo com alguém que tem HIV que é indetectável”* (Informação verba).

Mesmo adotando uma linguagem padrão, a maneira como o jornalista trata a sexualidade no podcast, com tom descontraído e naturalidade, propõe aos ouvintes um novo olhar sobre estas questões, o que, segundo Gonzatti e Machado Mendonça (2020), é uma das potências do podcast, ao trazer discussões de sexualidade e gênero para o cotidiano.

Em alguns momentos dos episódios, há o uso de vocabulário que pode ser considerado de nicho, termos que são comuns e conhecidos na comunidade LGBTQIA+, mas quando isso ocorre há uma preocupação de explicar o termo, como no primeiro episódio se menciona a PrEP (Profilaxia pré exposição) e o apresentador faz questão de explicar o que significa a sigla e como o medicamento atua na prevenção ao HIV. Este momento é interessante não só pela explicação do vocabulário mas também porque propiciou

no episódio uma discussão sobre privilégios dentro da própria comunidade LGBTQIA+, quando o médico Milton Crenitte menciona que a maioria dos que têm acesso ao medicamento são homens gays brancos.

Este cuidado em explicar um vocabulário mais específico demonstra como o programa se coloca para um público além da comunidade LGBTQIA+, algo que foi confirmado pelo próprio Juliano Dip durante a entrevista para esta pesquisa, que não considera seu programa direcionado a um público de nicho.

Considerações finais

A partir da análise dos três episódios do podcast “Toda Gente”, podemos chegar a algumas considerações.

Sobre a questão das temáticas, a ênfase para a política na sua face institucional coloca o público em contato com iniciativas da imprensa gay que priorizam a importância da ação política, como foi o caso do Lâmpião da Esquina. Com um olhar para o público LGBTQIA+ como um movimento político, o Toda Gente rompe com a ideia de uma produção voltada a temas de consumo que se instituiu nos anos 90. No entanto, se nos anos 1970 as discussões passavam pela construção de um movimento político e uma atuação à margem do sistema, agora muito se fala sobre as possibilidades de atuação dentro da esfera institucional, algo que reflete os avanços e os novos espaços ocupados após anos de luta do movimento LGBTQIA+ .

Além disso, é interessante resgatar o que vimos com a teoria queer para refletir sobre os posicionamentos e as abordagens escolhidas para o podcast. Primeiro, vemos como a preocupação com uma diversidade de fontes reflete uma forma de se pensar que a experiência como LGBTQIA+ é multi facetada, e não pode ser resumida ao binarismo hétero (*straight*) vs ‘gay’ ou ‘lésbica’ (SOMERVILLE,2020). A partir de um foco na diversidade em todos seus aspectos, o podcast consegue apresentar uma pluralidade de pontos de vistas, o que enriquece o debate, tanto em termos das possíveis trocas entre os convidados e o apresentador, assim como em termos de uma diversidade de pontos de vista que o ouvinte passa a ter contato. A forma como o programa também discute questões relacionadas a desigualdades dentro da própria comunidade LGBTQIA+ é também importante, pois permite questionar certas visões normativas.

Mesmo tendo uma linguagem mais tradicional, que se assemelha ao estilo de um jornalismo tradicional, e muitas vezes heteronormativo, o podcast “Toda Gente” não deixa de ser um programa abertamente LGBTQIA+, o que vemos evidente pela forma como o jornalista Juliano Dip aborda questões relacionadas à sua própria homossexualidade. O programa, portanto, por mais que se coloque para um público que não se restringe à população LGBTQIA+, pode ser visto como um conteúdo em que se afirmam e se valorizam identidades queers.

Por fim, a partir desta pesquisa e da análise do podcast Toda Gente, podemos inferir que há uma reconfiguração do que ficou conhecido como uma “imprensa gay”, e a emergência de um jornalismo LGBTQIA+, já que aqui se trata de uma produção que ao mesmo tempo é produzida por um grande veículo de comunicação e a criação dos episódios se dá de maneira independente por parte do jornalista. Além disso, a proposta do podcast de se colocar como uma produção orientada pelos valores da diversidade, sem buscar se limitar à comunidade LGBTQIA+, faz com que se repense a ideia que vimos sobre um jornalismo de/para pessoas gays (no caso da imprensa gay), no sentido de serem restritas a um público LGBTQIA+. Como vimos com o podcast, é possível fazer uma iniciativa que coloque pessoas desta comunidade numa posição de protagonismo e como centro da pauta mas que se dirige para um público diverso e para além de somente um nicho LGBTQIA+.

A partir de uma escolha pelo formato sonoro e a forma como se escolheu criar um programa de entrevistas (em que há trocas entre os convidados e o apresentador), assim como a partir das pautas e do uso de uma linguagem tradicional, o podcast consegue favorecer a disseminação de debates importantes relacionados a valorização da diversidade, o respeito às sexualidades e identidades de gênero diversas. Cabe destacar inclusive que o fato de utilizar uma linguagem típica dos grandes veículos e por estar localizado nas plataformas de um tradicional veículo de televisão, o “Toda Gente” consegue inclusive alcançar públicos que talvez não tivessem tanto contato com produções LGBTQIA+, o que auxilia no seu projeto de, como propõe o slogan do podcast, ajudar na construção de “uma sociedade mais diversa e com menos preconceito”.

Referências bibliográficas

- #VoteLGBT. Política LGBT+ brasileira: entre potências e apagamentos. 2022, Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/5b310b91af2096e89a5bc1f5/t/62839ef52f76f546de002ce0/1652793081067/220517_vote_relatorio_2022.pdf acesso em 11 de dezembro de 2022.
- ASSOCIAÇÃO Brasileira de Podcasters. PodPesquisa Produtores 2020-2021. 2021, Associação Brasileira de Podcasters. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf (último acesso 08 de dezembro de 2022).
- ASSOCIAÇÃO Brasileira de Podcasters.. Podpesquisa 2019. 2019, Associação Brasileira de Podcasters. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/> (último acesso 08 de dezembro de 2022).
- BOENI, Ramon. **O podcast como voz da diversidade**: uma análise da produção lgbtqi+ na podosfera a partir do programa poc de cultura. 2021. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2020. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/6016/1/Ramon%20Boeni%202020.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

BUFARAH, Alvaro. Proposta de classificação de podcasts jornalísticos na internet brasileira . In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Virtual. **Anais [...]** . Salvador: ., 2020. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2533-1.pdf>. Acesso em: 08 de dezembro de 2022.

GREEN, James. (2022/1999) **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX, 3ª edição. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp.

JERONIMO, Francisco Rafael Mesquita. LGBTQI+ nos Estudos Brasileiros da Comunicação e do Jornalismo: um mapeamento das produções acerca do tema. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Virtual. **Anais [...]** . Salvador: ., 2020. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2191-1.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

KANTAR IBOPE MEDIA. Inside RAD100 2022. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/inside-radio-2022-download/> Acesso em 11 de dezembro de 2022.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2003

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Quadrimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/i/2001.v9n2/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PEREIRA, Cleber Sales; PRADO, Guilherme Augusto Souza. (Re)existências POC: modos de subjetivação e ativismo. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 1-22, 31 maio 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2021.e76102>.

PÉRET, Flavia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011

QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021

SEIDMAN ,S. (1997) *Difference Troubles: Queering Social Theory and Sexual Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 185-197.

SILVA JUNIOR, Carlos Ferreira. *IMPrensa GAY LATINO-AMERICANA: os estereótipos e a construção de outras masculinidades entre 1960 e 1980*. Exame de Qualificação de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2022

SILVA, Wesley Kozlik; GUADAGNINI, Graziella Medeiros; SANTINELLO, Jamile. Caracterização do público brasileiro de ouvintes de podcasts e suas interfaces com a educação. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 246-265, set./dez. 2021.

SOMERVILLE, Siobhan. Introduction. In: SOMERVILLE, Siobhan (ed.). **The Cambridge Companion to Queer Studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 1-16.

TODA GENTE. Formulário Rogéria: Juliano Dip, Paulo Iotti e Luanda Pires. *Toda Gente*, setembro, 2022.

Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/04wwPuNkcNx2gFggJY0gpM?si=BnQal1f3S3iiewscAeulTQ> Acesso em 11 de dezembro de 2022.



Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas,
Rádio, TV e Internet Especialização e
Mestrado em Comunicação

TODA GENTE. Jornalismo LGBTQIA+: Juliano Dip, Renan Sukevicius e João Ker. *Toda Gente*, julho, 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0mxiaSZVTFs9t7CfS2Nism?si=tKfdZnMpTh-2VrlYPpoQjg> Acesso em 11 de dezembro de 2022.

TODA GENTE. Orgulho LGBTQIA+: Juliano Dip, Carolina Iara e Milton Crenitte. *Toda Gente*, junho, 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3Uyfl6NHkc1PeKxU1LewTR?si=tJ549j9dQCiAkOhe7LeYUw> .Acesso em 11 de dezembro de 2022.

VEJA a integra do 1º debate entre os candidatos a presidente no primeiro turno. **Band**, 2022, disponível em: <https://www.band.uol.com.br/eleicoes/debate/2022/presidente-primeiro-turno> Acesso em 12 de dezembro de 2022.